

O PROFESSOR MANUEL RODRIGUES LAPA E A LÍNGUA DA GALIZA¹

PROFESSOR MANUEL RODRIGUES LAPA AND GALICIA'S LANGUAGE

Maria do Carmo Henriquez Salido

Universidade de Vigo
mcsalido@uvigo.es

In memoriam dos filólogos e lingüistas brasileiros, portugueses, galegos e europeus que estão no Além e assumiram um compromisso com a língua da Galiza

RESUMO:

Apresentam-se propostas e ideias do livro de Rodrigues Lapa (1979), referidas à língua da Galiza, que evidenciam o seu compromisso pelo futuro do galego. Proporcionam-se dados do debate existente na Galiza, e uma seleção de contributos de figuras da Filologia Românica como Corominas (1976) ou Coseriu (1990,1993, 1996); Guerra da Cal (1985) e Carvalho Calero (1981,1990); Lindley Cintra (1983) e Lapa (1986); Cunha & Lindley Cintra (1985); Cunha (1986), Elia (1986, 1996), Chaves de Melo (1990), Azevedo Filho (1993) e Bechara (1996). Finaliza com as conclusões.

PALAVRAS-CHAVE: história da língua; variação lingüística; unidade e diversidade do português.

¹ Respeitam-se as variedades do português e a língua dos autores citados neste trabalho. Os Professores COROMINAS, LAPA, GUERRA DA CAL, Óscar LOPES, ELIA, CHAVES DE MELO, AZEVEDO FILHO e BECHARA foram nomeados Membros de Honra da *Associação Galega da Língua*. O Professor COSERIU foi nomeado *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Vigo, o dia 7 de março de 1995; a madrinha foi a Professora HENRÍQUEZ. A *Laudatio*, redigida em galego-português, foi publicada pela Universidade de Granada; cita-se em Referências, In: MARTÍNEZ DEL CASTILLO (2005).

ABSTRACT:

Proposals and ideas from the book by Rodrigues Lapa (1979) that refer to the Galician language are presented, which demonstrates his commitment to the future of Galician. Data from the ongoing language debate in Galicia are provided, as well as a selection of contributions from figures of Roman Philology such Corominas (1976) or Coseriu (1990, 1993, 1996); Guerra da Cal (1985) and Carvalho Calero (1981, 1990); Lindley Cintra (1983) and Rodrigues Lapa (1986); Cunha & Lindley Cintra (1985); and, finally Cunha (1986), Elia (1986, 1996), Chaves de Melo (1990), Azevedo Filho (1993) and Bechara (1993, 1996). The article ends with the conclusions.

KEY WORDS: history of language; linguistic variation; unity and diversity of the Portuguese language.

Introdução

Temos a certeza de que professores e estudantes das Faculdades de Letras, de Filologia Portuguesa ou de Humanidades do Brasil conhecem a obra do Professor LAPA (Anadia, a 22 de abril de 1897 – a 27 de março de 1989), Doutor Honoris Causa de diversas universidades. Do que não temos a certeza é de que a sua magna obra e biografia seja conhecida, na atualidade, pelos integrantes da cultura desse imenso país.

Outra possibilidade presente na nossa memória é que estudantes universitários acaso desconhecem, ou não sabem, a que país nos estamos a referir, essa área que denominamos Galiza, com o seu nome histórico e tradicional, usado pelos autores mais genuínos da cultura ou do galeguismo e nacionalismo galego [MURGUIA (1833-1923), PONDAL (1835-1917), CASTELAO (1886-1950), RISCO (1884-1963), CARVALHO (1910-1990), GUERRA DA CAL (1911-1994), etc.]) qualificada por ELIA (1986, p. 194) como “matriz do mundo lusobrasileiro”.

A modo de ilustração, facilitamos uma breve explicação da posição geográfica, que ocupa a Galiza no mundo. Está situada na Península Ibérica, no Sul da Europa, junto com Portugal. Os seus limites são: pelo Norte o Mar Cantábrico, pelo Sul Portugal, pelo Este Astúrias, León e Zamora e pelo Oeste o Oceano Atlântico. O território não é extenso, tem uma superfície de 29.575 km² e os seus habitantes não alcançam os três milhões (2.703.000).

No século XVIII, o frade beneditino Martim SARMIENTO (1695-1771) já aceitava como ortografia para o galego a tradicional portuguesa, afirmava que

a língua portuguesa não era mais que a extensão da galega e considerava que a língua galega aparecia em pé de igualdade a outras línguas (HENRÍQUEZ, 1984, p. 24-25). Desde a segunda metade do século XIX aparecem vozes de escritores e gramáticos (HENRÍQUEZ, 1984, p.24-26; HENRÍQUEZ, 1986, p. 443-467), “apóstolos do Integracionismo galego-português dentro dos moldes de uma Confederação de Estados Ibérica” (LAPA, 1979, p.116).

Nas primeiras décadas do século XX estas proclamas expressam-se em revistas como o *Boletín “A nosa Terra”* (HENRÍQUEZ, 1993, p.173-211; 1999, p.373-386) e com mais intensidade na “*Revista Nós*” (HENRÍQUEZ, 1989, p. 259-290; 1993, p. 173-211) [cujo primeiro número aparece no ano 1920 (HENRÍQUEZ, 1984, p. 26-27)] em favor da aceitação normal da língua galega como veículo de cultura “sociológico, lingüístico e ideológico”. Essas vozes e proclamas tiveram que permanecer em silêncio por motivos políticos, desde a década de 1930 até por volta do ano 1976.

Com a chegada da democracia, esse conflito volta a renacer e permanece presente até à atualidade (ano 2020). O conflito cultural e mesmo nacional reside, substancialmente, respeito de qual deve ser a norma culta para a língua própria da Galiza: a do *galego-castelhano* ou a do *galego-português*; por outras palavras, se o galego pertence à área ibero-românica ocidental ou à área ibero-românica central. Um dos primeiros filólogos em salientar e posicionar-se sobre o tema na década de 70 foi este filólogo português, bom conhecedor da história desta língua românica.

Acaso tem sido o destino que, em poucos anos, entre março de 1989 e março de 1990 tenham falecido três personalidades emblemáticas da nossa língua comum: Manuel RODRIGUES LAPA, Celso FERREIRA DA CUNHA (cidade de Teófilo Otôni, Minas Gerais 1917- Rio de Janeiro 1989) e Ricardo CARVALHO CALERO (Ferrol, 1910 – Santiago de Compostela, 1990). No espaço de um ano “perdeu a língua portuguesa três professores que [...] podem considerar-se como mestres por antonomásia dos estudos filológicos nos três territórios mais característicos em que vive o idioma português” (MONTERO, 1991, p. 32).

1. A revista Grial

Era e ainda é uma revista de caráter trimestral e tinha constituído o ponto de referência para obter informação sobre a cultura e a língua da Galiza. No ano

1973, no n. 41, em páginas 278-287, aparece o artigo “A recuperação literária do galego”. O texto tinha sido publicado anteriormente no n. 13 da revista lisboeta *COLÓQUIO / LETRAS*, reproduzido em páginas 53-71 na obra que vamos comentar a seguir. Neste lugar apenas salientar que tem promovido um forte e esclarecedor debate na Galiza com ensaístas galegos, que mostravam o seu otimismo pela “expansão crescente da língua galega” como Ramón PIÑEIRO (1915-1990) e os contrários a esse otimismo.

Entre os filólogos contrários aos postulados do ensaísta galego, que se posicionam na linha do Professor LAPA, mencionamos um dos vultos mais importantes do século XX da Filologia Românica, estamos a falar do autor, junto com José A. PASCUAL, do *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico* (1980-1991). No n. 53 do ano 1976, COROMINAS (Barcelona, 21 de março de 1905 – Pineda de Mar, 2 de janeiro de 1997), publica o artigo “Sobre a unificación ortográfica galego-portuguesa”, em que após felicitar efusivamente a filólogos e escritores galegos e concordar com eles, em que o principal adianto a fazer na direção da unificação lingüística galego-portuguesa é no campo da unidade ortográfica. Pede desculpas polo fato de um linguista estrangeiro intervir num problema que afeta os galegos, e justifica a sua atitude:

Quem isto escribe é un lingüista estranxeiro, mas sinceramente cheo de boa vontade para todas as línguas hispánicas, fondamente entusiasta e preocupado das cousas da Galiza. Catalán. Autor do *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana* e de moitas obras de lingüística romance. Non son un principiante nos traballos de filoloxía galega [...]. Por outra parte, os meus deberes están do lado do *catalán*, a única língua miña. O castelán e o galego-portugués son idiomas irmáns, que teño estudado profundamente, para o galego-portugués a miña profunda simpatía, para o castelán a desconfianza que merece unha língua que pretende devorar ás outras (COROMINAS, 1976, p. 277-278).

A seguir elabora umas propostas que subdivide em três apartados: (a) Problemas meramente gráficos (LH, NH, emprego do trazo de unión, acentos); (b) Problemas de natureza gráfico-fonética (uso de G, J, X, C, Ç, Z; SS, grupo QU; sobre a nasalidade salienta que “é este o ponto en que sería máis difícil chegar á identidade completa con o portugués”, recomenda provisionalmente a adoção de –M final em lugar de –N, aduzindo como razão fundamental que os portugueses escreverem –om, –am até ao século passado ou até ao XVIII; e (c) Outras questões (onde aconselha explicitamente que os galegos se atenham às soluções portuguesas) (COROMINAS, 1976, p. 278-279).

2. Estudos Galego-Portugueses: por uma Galiza renovada

A 1ª edição do livro aparece no ano 1979. No Prefácio, proclama que colige trabalhos dispersos, considera a Galiza “como a sua própria terra” e afirma que se sente vinculado a ela “pelo coração, que apoia naturalmente todos os que defendem a sua liberdade e a sua cultura”:

Estão coligidos neste volume [...] os trabalhos dispersos sobre o problema do galego, que assinalaram a minha actividade ao longo de mais de quarenta e sete anos”. [...] Sempre considerei a Galiza, esta terra maravilhosa, desgraçada e incompreendida, como sendo a minha própria terra; e historicamente e geograficamente assim é, pois estou dentro dos limites da velha Galécia, que chegava pelo sul ao rio Mondego. Mas também lhe estou vinculado pelo coração, que apoia naturalmente todos os que defendem a sua liberdade e a sua cultura (LAPA, 1979, p. 1).

Dos 12 capítulos, unicamente analisamos com brevidade os que versam sobre temas lingüísticos, literários ou «problemas do galego», nomeadamente os expostos por CASTELAO no livro *Sempre en Galiza* (1944), que recolhe reflexões de temas básicos da história política, literária, lingüística e social, dos quais tinha sido testemunha excepcional. Dessa obra existe abundante bibliografia, entre outros contributos:

Toda esta obra é um claro expoente do que pode e deve ser o reintegracionismo lingüístico e cultural galego-português [...]: *Livro I*, cap. XI (“aquele aneio de Pondal: ‘A luz virá para a caduca Ibéria dos filhos de Breogám’”), cap. XIX (“pero Galiza tem ademais, outra missom trascendente: a de atrair Portugal à comunidade da grande família hispânica”); *Livro III* quase todo ele dedicado a este assunto (insiste em que Portugal é um ‘retalho saído da Galiza’ e proclama que o sentimento da saudade terá cura o dia que os galegos e os portugueses volvamos a juntar-nos para falar e cantar um mesmo idioma [...]) (HENRÍQUEZ, 1984, p. 21-35).

A este político, escritor e reconhecido artista dedica-lhe o capítulo 1. (p. 5-20); coincidira com ele numa homenagem na cidade de Lugo, acompanhado “dos colegas deputados, SOÁREZ PICALHO e OTERO PEDRAYO”. Faz alusão a vários oradores, todos eles integrantes importantes do nacionalismo galego; o Professor LAPA sente-se “como se fosse galego” e impressionado pelo

álbum *Nós*, que constitui “o verdadeiro poema da Galiza sofredora, a história trágica da *terra assobalhada*”. Por isso manifesta:

O espírito de Castela é, devia ser por força, estruturalmente anticastelhanista, já que é ao homem da Meseta, como se diz por lá, que se atribui a miséria e a servidão ancestral da Galiza e, mais ainda uma incompreensão obstinada do génio galego, profundamente delicado e humano [...]. Ainda neste sentido de humor anticastelhanista, há um desenho que tem para nós portugueses, significado muito especial, o nº 39: um velhote da fronteira, à beira do Minho, conversa com um cachopo, que lhe desfecha uma pergunta deveras impertinente: - *E os da banda d'alá son mais estranxeiros que os de Madri?* O homem coça na cabeça espantado da pergunta [...] e Castela comenta entre parênteses. (*Non se soupo o que lhe respondeu o velho.*) (LAPA, 1979, p.7-8).

Após comentar outros desenhos finaliza: “Posto isto, digam-me se não está sendo de grande urgência a realização duma *Semana Galega* em Portugal [...]. Com uma *Semana Portuguesa* em Santiago de Compostela” (p. 16).

O capítulo 4. (p. 27-51), intitulado “A Galiza, o galego e Portugal” começa com um apelo fervoroso dirigido a portugueses, para que a Galiza deixe de ser “a velha irmã esquecida”, “a quem se não dá, afora uma ou outra alusão de poetas, a importância que merece” e manifesta que “não acaba no Minho, mas se prolonga, suavemente, até às margens do Mondego”:

A Galiza é para nós, portugueses, a velha irmã esquecida, que se conhece por ser parecida connosco, mas a quem se não dá, afora uma ou outra alusão de poetas, a importância que merece. Sucede que essa irmã, da herança comum, guardou religiosamente o pecúlio mais antigo, tesouro esse que devemos conhecer, se quisermos interpretar bem Portugal. Aquí viemos com esse intuito: explicar aos que nos ouvem que Portugal não pára nas margens do Minho: estende-se naturalmente, nos domínios da paisagem, da língua e da cultura até às costas do Cantábrico. O mesmo se pode dizer da Galiza: que não acaba no Minho, mas se prolonga, suavemente, até às margens do Mondego. Estando em Coimbra, estamos pois nos confins da velha Galécia, somos galegos daquém Minho (ÍBIDEM, p. 27).

Depois apresenta uma síntese sobre o ideário e manifestações respeito dos trovadores, escritores, filólogos e historiadores da língua e cultura portuguesa e galega: “O primeiro que a sugeriu foi —quem tal diria— o maior escritor português, de origem galega. Luís Vaz de CAMÕES” (p. 31). Põe em destaque

que o idioma galego tem uma história melancólica, está degradado por falta de cultivo literário e por incorporar formas divergentes; por esta causa era urgente limpá-lo, “discipliná-lo e urbanizá-lo”:

Esse idioma galego, que nos parece hoje um pouco diferente do nosso, tem uma história melancólica como a do indivíduo que a fala. Degradou-se por falta de cultivo literário, e conservou-se no seio do povo, o qual lhe não deu nem podia dar a disciplina e o polimento, que um falar precisa para se tornar numa língua de cultura. Enriqueceu-se excessivamente, criando formas divergentes numerosíssimas; mas essa proliferação lexical tanto pode ser uma vantagem como apresentar graves inconvenientes. [...] Quer isto dizer que a grande tarefa que impõe o idioma resume-se hoje a empobrecê-lo, discipliná-lo e urbanizá-lo. Só assim é possível formar uma língua literária (ÍBIDEM, p. 42-43).

A seguir analisa e incorpora breves comentários sobre “termos arcaicos” (*ren* = «nada»; *fame* = «fome», etc.), “vocabulário do mundo rural” (o *abrente* = «a aurora, o dia que abre», o belíssimo verbo *agromar* = «despontar, desabrochar, o *lóstrego* = «relâmpago»; *enxêbre* = «puro, sem mescla», “também conservado no Minho e em Tras-os-Montes”...), “vocabulário da gente do mar” (*brétema*, *foula*, *ronsel*), “expressões de desejo, de afecto e melancolia” (*arelar* = «aspirar, desejar», *agarimo* «ternura, mimo», *engado* = «encanto, atracção irresistível», *maino* = «suave, tranquilo, sossegado» (p. 46-51).

O capítulo 5. estuda “A recuperação literária do galego” (p. 53-71); o autor salienta que a revista abarca “num mesmo complexo os três ramos da nossa cultura: o galego, o português e o brasileiro, seguindo a ordem do seu respetivo surgimento” e reconhece que este era um dos grandes méritos da revista.. E assevera:

Efectivamente, tudo quanto se passa no Brasil ou para além do Minho, em matéria de língua e de cultura, não nos deve ser estranho; são produtos da mesma raiz e atestam a fecundidade do nosso génio criador. Não importa que as fronteiras, que ninguém discute, nos separem através de enormes cursos de água; as mesmas origens culturais e a mesma língua, não falando já nas afinidades gritantes de temperamento, junguem indissolivelmente este acervo humano, que já conta mais de 120 milhões de indivíduos, e pode ser, tem de ser um dia uma grande voz no Mundo (ÍBIDEM, p. 53).

Menciona o otimismo de integrantes da cultura galega como Ramón PIÑEIRO (1910-1990), que no n. 8 da revista *Grial*, publicava “um relatório sugestivo sobre a expansão crescente da língua galega” (p. 53), apoiado em cinco razões: a transigência da Igreja; Universidade, por ter criado uma cadeira de Lingüística e Literatura Galega e um Departamento de Filologia Românica; a própria Real Academia Galega que tinha elaborado já as Normas ortográficas e morfológicas do idioma; e, enfim, notava-se a penetração do vernáculo em certos meios da burguesia urbana, «que tradicionalmente vinha sendo o principal inimigo interior do seu desenvolvimento», para a normalização dos usos do galego.

O filólogo português não os comparte, pois lembrando uma frase de EÇA DE QUEIRÓS, patenteia que “O Governo tolera, mas não promove”. Analisa ideias de vários escritores e manifesta a sua preocupação pela perda de falantes no meio rural, por causa da emigração maciça “que assume aspectos desoladores em Portugal e no Noroeste espanhol”.

Destaca que o galego, tal e como estava, só pode exprimir capazmente os fenómenos da vida simples, pois pensa que se se quizer introduzir o galego na cidade, “teremos que lhe vestir traje cidadão, alimpá-lo de muita escória que o torna ainda grosseiro para o gosto exigente do homem urbano”. Critica o léxico utilizado por certos escritores ao traduzir para galego os *Carmina* de HORÁCIO e concretiza a tarefa, que considerava urgentíssima: constituir uma *koiné* que deve surgir por acima dos particularismos locais e que terá de se apoiar “obviamente, não no castelhano mas sim no português” (p.59-60).

Acrescenta novas argumentações, para a construção dessa *koiné* desejada; concretiza as primeiras operações a fazer, para restaurar o galego e identificá-lo com o português, para que seja radicalmente uma mesma língua:

[...] julgamos que a primeira operação a fazer no idioma é a sua descastelhani-
zação, limpando-o de formas que desnaturam a sua verdadeira fisonomia [...].
Também urge outra operação, mas já em sentido diferente: aproximá-lo de certas
formas cultas, idênticas em português e castelhano, e que no galego conservam
ainda uma configuração inaceitável e antiliterária: *pra* em vez de *para*, *terreo* em
lugar de *terreno* [...]. Há pois que restaurar o galego e obrigá-lo a ser o que já foi:
um instrumento artístico que as devastações do tempo, a maldade e a incúria dos
homens foram deteriorando e desfigurando, até ficar no estado em que o vemos.
Totalmente identificado nos séculos XII e XIII com o português, separou-se deste
por razões conhecidas, mas nem por isso deixou de ser radicalmente a mesma
língua (ÍBIDEM, p.62-63).

Faz menção do ideário de escritores galegos como IGLESIA ALVARIÑO (1909-1961) [o poeta da Terra Chá postulava: «non hai outro galego á que acudir, para facer unha lingua literária, que o que falan as xentes dos nosos campos e ribeiras»], para rebatê-lo a seguir, porque «Essa *koiné* tem de surgir acima dos particularismos locais e terá de se apoiar, obviamente, não no castelhano, mas sim no português» (p. 60). De BLANCO-AMOR (1897-1979) reconhece que se mostra “mais generoso do que o poeta da Terra Chá, pois também admite e até recomenda a contribuição do português no amparo a conceder ao galego para efeito da sua promoção literária” (p. 62). E precisa o nosso filólogo:

[...] Estão neste caso formas cultas idênticas em português e castelhano, e que no galego conservam ainda uma configuração inaceitável e antiliterária: *pra* em vez de *para*; *orgaizar* em vez de *organizar* [...] *amabamos* em vez de *amávamos* [...]. [...] Daqui a vinte e cinco anos, essa língua renascida para a civilização, incorporada já de pleno direito no idioma de portugueses e brasileiros, seria lida por mais de 200 milhões de indivíduos; e num prazo de cinquenta anos, assim o dizem os futurólogos da demografia, serão 400 milhões a falar o galego-português (ÍBIDEM, p. 62-64).

Considera de grande importância o “cidadão do mundo, que até nisso é galego-português”, Ernesto GUERRADA CAL, por ter iniciado esse trabalho de integração “nas obras que tem composto e prefaciado. Nos seus dois livros de poesia, *Lua de além mar* (1959), prefaciado por Jacinto do PRADO COELHO, e *Rio de Sonho e Tempo* (1963)” (p. 64). Esse «mestre da nova Galeguidade» manifesta-se, poucos anos depois, sobre o conflito existente na Galiza, identifica os “dois bandos que degladiam”, um o poder autonómico “com todos os seus recursos, o seu nepotismo” e o outro “a mocidade universitária e trabalhadora que quer uma Galiza galega”; termina dizendo que “a única defesa do galego contra a política linguicida dos ‘espanholizantes’ descansa na progressiva adopção do padrão luso-brasileiro”:

O momento actual é de conflito [...]. Dois bandos se degladiam diariamente: num alinham os que neste momento detêm o poder autonómico—clientes e agentes do Estado Central, com todos os seus recursos, o seu nepotismo e os seus meios de comunicação de massas na mão [...]. Esse é o bando da “Xunta de Galicia”[sic], que, de colaboração com algumas entidades “isolacionistas” esclerosadas, engehou e “oficializou”, de maneira maleficamente subreptícia, umas aberrantes

Normas cujo evidente propósito é condenar o galego ao languidescimento como dialecto –do espanhol [...]. Do outro lado, contra essa armadilha da colonização de novo estilo, levanta-se em onda cada vez mais alta a mocidade universitária e trabalhadora que quer uma Galiza galega. À cabeça dessa juventude militam os “reintegracionistas”, em cujo triunfo final tenho uma fé inabalável – até por razões biológicas [...]. Ora bem, eu tenho a convicção de que a única defesa do galego contra a política linguicida dos “espanholizantes” descansa na progressiva adopção do padrão luso-brasileiro que os “reintegracionistas” perfilham (GUERRA DA CAL, 1985, p. 10-11).

O Professor CARVALHO, o primeiro Professor de Lingüística e Literatura Galega da Universidade de Santiago de Compostela no curso académico 1965-1966, cadeira da que será Professor Catedrático no ano 1972, explicita no seu livro *Problemas da Língua Galega* (1981) «a história clínica do galego».

O Professor LINDLEY CINTRA (1983) considera o galego uma variedade regional do português; depois de ter examinado propostas anteriores, elabora uma “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses” (p.117-163), acompanhada dos correspondentes mapas:

Se, conforme proponho, para a subdivisão dialectal da faixa lingüística galego-portuguesa [...], partimos apenas dos traços que são verdadeiramente relevantes no consenso de um número suficientemente elevado e representativo de pessoas «mesmo alheias a estudos filológicos», de acordo com o desejo expresso por Manuel de PAIVA BOLÉO, creio que seremos levados de início a considerar nela apenas a existência de três grandes zonas ocupadas por três grupos de dialectos:

- 1) os *dialectos galegos*;
- 2) os *dialectos portugueses setentrionais*;
- 3) os *dialectos portugueses meridionais*.

(LINDLEY CINTRA, 1983, p. 140-141).

No Rio de Janeiro, CUNHA & LINDLEY CINTRA (1985) publicam a sua gramática do português contemporâneo “para o ensino não só em Portugal, no Brasil e nas nações lusófonas da África, mas em todos os países em que se estuda o nosso idioma”, “uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta”, que pretende mostrar “a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade” (Prefácio, p. XIII-XIV). Ao analisar os ‘Dialectos do português europeu’ acrescentam:

A faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galego-português apresentam-nos um conjunto de DIALETOS que, de acordo com certas características diferentes de tipo fonético, podem ser classificados em três grandes grupos: a) DIALETOS GALEGOS; b) DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS; c) DIALETOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS.

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto dos usos lingüísticos das classes cultas da região Lisboa-Coimbra e que distinguem pela fala um galego, um homem do Norte e um homem do Sul (CUNHA; LINDLEY CINTRA, 1985, p. 10).

3. O legado do Professor Rodrigues Lapa

O dia 2 de outubro de 1981 é legalizada pelo Ministerio del Interior del Reino de España a Associação Galega da Língua (AGAL), para conseguir *“umha substancial reintegração idiomática e cultural do galego, nomeadamente nas manifestações escritas, na área lingüística e cultural que lhe é própria: a galego-luso-africano-brasileira”*. No ano 1982, a Presidenta procede a desenvolver com uma equipa de filólogos, lingüistas, historiadores da língua, gramáticos, escritores, economistas, advogados, ensaístas, professores, estudantes, etc. um intenso e fecundo trabalho (congressos, seminários, cursos, colóquios, simpósios, etc; edita-se a revista *Agália*, o número 1 aparece em março de 1985).

Com motivo da celebração de cinco congressos internacionais, nos anos 1984, 1987, 1990, 1993 e 1996, as cidades de Ourense, Santiago e Vigo convertem-se em cidades da língua e da cultura galego-luso-brasileira ; das ponências publicadas de quatro congressos selecionamos apenas alguns fragmentos referidos às nossa língua ou a temas da lingüística e filologia.

O *I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza* celebrou-se na cidade de Ourense os dias 20 a 24 de setembro, a presidência de honra esteve integrada por individualidades significadas pelo seu empenho de aproximar as diferentes comunidades da língua comum: Ricardo CARVALHO CALERO (Galiza), Ernesto GUERRADA CAL (Galiza), Manuel RODRIGUES LAPA (Portugal), Óscar LOPES (Portugal), Leodegário A. de AZEVEDO FILHO (Brasil) e Celso CUNHA (Brasil). Das ponências publicadas destes congressos internacionais escolhemos apenas algumas das intervenções.

O Professor LAPA, depois de ter sido convidado para participar, numa carta do 1 de janeiro de 1984, manifesta que gostaria de assistir “na companhia honrosa do Prof. CARVALHO CALERO e promete enviar um artigo seu publicado no número 11 na ‘Revista Brasileira de Língua e Literatura’, dirigida pelo Prof. Leodegário A. de AZEVEDO FILHO”. Poucos meses mais tarde, o 5 de abril de 1984, responde que “devido ao estado precário da sua saúde não vai poder assistir ao Congresso, porém envia um texto para que o leia o seu bom amigo GUERRA DA CAL, galego universal radicado agora naquele país”.

Deste *Congresso*, citamos três textos das ponências; o primeiro um fragmento da ponência do Professor ELIA (1918-1998) —presente sempre com grande dinamismo em todos os congressos— que recolhe de forma intrínseca ou explícita o seu compromisso com a língua da Galiza:

Não por outro motivo o consagrado filólogo português Manuel RODRIGUES LAPA refere-se a «um galego literário, que é hoje o português falado por 120 milhões de indivíduos» (1979: 68).

E dessa alma galega que derramou sobre a Península Ibérica os mais amorosos versos e aliciantes versos da lírica medieval, que povoou de sonhos e proezas a abençoada faixa atlântica do território hispânico, que estruturou em forma harmoniosa e culta um dos idiomas românicos mais pujantes de virtualidades e realizações, que somos os privilegiados continuadores nas terras novas e renovadoras do continente americano. Faz jus, portanto, esse fecundo idioma galego-português ao título de matriz do mundo lingüístico lusobrasileiro (ELIA, 1986, p. 194),

O Professor LAPA analisa a contribuição de Álvaro DAS CASAS, “como ele preferia ser chamado ao modo galego-português”, uma figura “injustamente esquecida na história literária da Galiza”, que aconselhava “sujeitar-se à ortografia lusitana”, pois “cientificamente, este é o nosso caminho, e política e economicamente os nossos eidos estender-se-iam num dos mais vastos mundos lingüísticos”:

Cuido que deveríamos sujeitar-nos no possível ao português, tanto mais que, na maior parte dos casos ficávamos mais dentro das nosas formas originárias: *Deus* por *Dios*, *mai* por *nai*, *perto* (cerca) por *preto* (que tem outra significação = negro); *sinos* por *campás*; *xanela* por *ventá* ou *fiestra*. E melhor se nos sujeitássemos à ortografia lusitana. Cientificamente, este é o nosso caminho; e política e economicamente os nossos eidos estender-se-iam num dos mais vastos mundos

linguísticos. A este respeito, seria muito conveniente um encontro de filólogos portugueses e galegos, para a unificação possível das nossas línguas», — *Alento*, nº 5, págs. 87-88 (LAPA, 1986, p. 268).

O Professor CUNHA no início da sua ponência, reproduz a frase de Cesare SEGRE: “*L’operazione filologica è un atto eminentemente e fascinosamente problemático*”. Antes de apresentar o seu texto, numa nota menciona as obras do filólogo galego Ramón LORENZO —bem conhecido pelas suas ideias isolacionista na Galiza, quer dizer, “o castrapo” em palavras de AZEVEDO FILHO— defendidas na sua comunicação no Coloquio de Tréveris (celebrado do 13-15 de novembro de 1980).

No apartado de conclusões salientamos estas ideias: (a) “As principais tarefas da filologia se identificam com as da lingüística histórica”; (b) “Justo é, pois, que se introduzam na crítica textual dos nossos dias certos enfoques da lingüística contemporânea, como a teoria da variação, os conceitos de norma, de níveis de língua, de registro, de diassistema [...]”; (c) “Se sob certos aspectos, o filólogo é um guardião da fidelidade das obras do passado, um conservador da memória textual de uma nação [...]. Sob outros, ele não passa de um hedonismo [...]” (p. 644). Da sua ponência sublinhamos a advertência inicial :

A editoração dos textos galego-portugueses da Idade Média apresenta uma multiplicidade tal de problemas que nos vimos na contingência de focar apenas aqueles que nos parecem mais relevantes. E nos ateremos aos inerentes às cantigas trovadorescas, impressas numa modalidade lingüística que, pacificamente, podemos chamar galego-portuguesa. Mesmo o nosso admirado amigo Ramón LORENZO, que defende a tese de que já no alvorecer do período histórico haveria uma distinção nítida entre os falares das duas bandas do Minho, admite que à lírica trovadoresca, pela quase completa neutralização dos trazos divergentes, cabe de direito a qualificação com os termos galega e portuguesa integrados. Pelo menos nesse ponto há um acordo geral. Ainda bem (CUNHA, 1986, p. 619).

Do *II Congresso* optamos unicamente por três ponências. A do Professor CHAVES DE MELO (1917-2001), por justificar o título da sua dissertação, pois trata do galego, “visto como parte integrante do sistema hoje denominado «língua portuguesa»”, e por asseverar que “vem de longe o meu interesse pelo galego” (p. 59); finaliza com o convite de “que nos irmanemos galegos, portugueses e brasileiros e proclamemos «A nossa pátria é a língua portuguesa»”:

Um apelo aos que estão trabalhando na ingente e histórica empresa da gramaticalização e disciplinação do galego comum, para que prossigam e tomem nota como norte, nos casos de divergência accidental, o aconselhamento das formas coincidentes com o luso-brasileiro, para abreviar o desejado termo da perfeita reintegração. É um convite a que, de alma leve, nos irmanemos galegos, portugueses e brasileiros e proclamemos “A nossa pátria é a língua portuguesa” (CHAVES DE MELO, 1990, p. 66-67).

Na sua dissertação, o Professor COSERIU (1921-2002) formula postulados deste teor “es el portugués el que es ‘gallego’”, “históricamente es el gallego de la Reconquista y es hasta hoy, en todas sus formas, la continuación de ese gallego”, se trata “de una lengua, que precisamente en la forma en que se difunde [...] se llama con otro nombre”:

Claro que esto no significa que el gallego sea “portugués”; significa más bien lo contrario: es el portugués el que es “gallego”. Históricamente, el portugués es el gallego de la Reconquista y es hasta hoy, en todas sus formas, la continuación de ese gallego. Esto vale también para el portugués literario y común en su relación con el gallego literario medieval, pues la tradición de este gallego ha sido adoptada y continuada por la lengua literaria portuguesa. Se trata, por tanto, del caso, bastante raro en la historia de las lenguas, de una lengua que, precisamente en la forma que se difunde y se constituye en lengua común y gran lengua de cultura, se llama con otro nombre: ya no gallego, sino portugués (COSERIU, 1990, p. 800).

O Professor CARVALHO (1990: 887-900) assinala, entre outros pontos, que “devemos interpretar o reintegracionismo de CASTELAO [...] no contexto temporal em que publica a sua obra”; “tanto o seu bilingüismo como o seu reintegracionismo som posturas políticas”; “o galego incorporaria-se ao sistema de que foi protótipo e que hoje tem como arquétipo a norma lisboeta, sem deixar de ser galego”; esse achegamento ao português “ha desembocar em confusom, quer dizer, em confluência, que nom é seguramente substituiçom, senom osmose” (p. 900). E pontualiza:

Cabem muitas possibilidades interpretativas da fórmula; mas eu creio que a mais correcta em virtude do contexto histórico é a mais puramente «reintegracionista»: o galego incorporaria-se ao sistema de que foi protótipo e que hoje tem como arquétipo a norma lisboeta, sem deixar de ser galego, conservando a sua fonética, a sua morfologia e o seu léxico peculiares no que tenham de genuínos, mesmo

aportando ao sistema o que puder enriquecê-lo e, decerto, admitindo todo o que, proveniente das outras formas do galego-português, resultasse rendível para o co-dialecto [...] CASTELAO nom nos hipoteca o porvir. Limitou-se a indicar um caminho para o futuro imediato ao presente de 1944, que em grande parte é o futuro imediato no presente de 1987 (CARVALHO, 1990, p. 900).

Do *III Congresso*, concebido como ‘Homenagem ao Professor CARVALHO CALERO, reproduzimos só dois fragmentos de duas ponências. O Professor AZEVEDO FILHO (1927-2011) menciona as duas forças em tensão, a força agregadora “que mantém a unidade da língua, e a força desagregadora, responsável por sua desarticulação”, e considera que “a força desagregadora, responsável pela expansão do castrapo, decorre do conjunto de inevitáveis influências da língua castelhana [...] sobre a língua de MARTIN CODAX e PERO MEOGO”:

En suma, no interior de qualquer sistema lingüístico, há sempre duas forças em permanente tensão: a força agregadora, que mantém a unidade da língua, e a força desagregadora, responsável por sua desarticulação. No caso do galego, a força agregadora é a mesma que dá unidade ao português hoje falado em sete nações. E a força desagregadora, responsável pela expansão do castrapo, decorre do conjunto de inevitáveis influências da língua castelhana, ao longo da história, sobre a língua de MARTIN CODAX e PERO MEOGO [...] parece não haver dúvida de que o reintegracionismo será sempre a luta por um ideal, em face de uma realidade cada vez mais adversa (AZEVEDO FILHO, 1993, p. 82).

O Professor COSERIU confirma que se se aplicasse ao galego e ao português uma semântica estrutural dos conteúdos da língua, chegaria à conclusão “de que o sistema básico é o mesmo no galego e no português e de que as distinções básicas, os traços diferenciadores são os mesmos [...] há [...] diferença de norma”:

E para a aplicação finalmente ao galego e ao português só uma semântica estrutural dos conteúdos da língua, pode realmente descrever a situação do léxico e as relações lexicais entre o galego e o português. E provavelmente um estudo deste tipo, uma semântica estrutural do galego e do português chegaria à conclusão de que o sistema básico é o mesmo no galego e no português e de que as distinções, as oposições básicas, os traços diferenciadores são os mesmos, mas

que há, como dizia o nosso amigo LEODEGÁRIO, diferença de norma, como há também diferença de norma entre o português de Portugal e o português do Brasil e também no português das várias regiões de Portugal e no português das várias regiões do Brasil (COSERIU, 1993, p. 100).

O *IV Congresso*, em ‘Homenagem a Ferdinand de SAUSSURE’, tivo lugar na cidade de Vigo, os dias 28 de outubro a 1 de novembro de 1993; entre os participantes estava o Professor BECHARA —colaborador da revista *Agália* (n. 34, 1993, p.252), onde comunicava que a “família galego-portuguesa estava de luto” pela perda de Manuel de PAIVA BOLÉO, o mestre coimbrão—. Começa a sua intervenção com esta afirmação: “É hoje indiscutível a presença de idéias de F. de Saussure no panorama da lingüística [...] não há em nossos dias lingüista que não lhe deva alguma coisa nem teoria geral que não mencione seu nome” (p. 365).

Diz conhecer dois bons estudiosos do *Cours*, “o primeiro deles foi o lingüista e filólogo brasileiro Manuel SAID ALI (1861-1953); o segundo, o lingüista suíço Albert SECHEHAYE (1870-1936)”. Comenta do brasileiro a sua *Gramática do português histórico* (“e não *Gramática histórica do português*”), “em que descreve os fatos levando em conta os diversos estados da língua, desde o início da documentação” e distingue no português moderno as subfases *português quinhentista*, *português seiscentista* e *português setecentista*. Assevera que esta obra não foi bem entendida, e menciona que, como argumento principal, alegavam que era “uma gramática histórica sem latim”; a pesar disso, para o Professor BECHARA é “uma gramática histórica” (p. 367). Após reconhecer que o filólogo brasileiro não se enfrenta “a oposição *língua e fala*”, põe ênfase em que não lhe “passou despercebida a lição saussuriana de que é na fala «*que se trouve le germe de tous les changements* [...]»”. E conclui:

Pelo que vimos até aqui, podemos concluir que a gramaticografia da língua portuguesa, através da obra de Said Ali, tenha sido das primeiras, se não a primeira, a beneficiar-se das importantes reflexões teóricas de F. de Saussure e de suas consequências no estudo e descrição das línguas (BECHARA, 1996, p.370).

O Professor COSERIU identifica o «seu SAUSSURE» e evidencia que “muito nos seus escritos procede de outros lingüistas e vários filósofos da linguagem”: (a) “Mucho de lo válido en mis escritos e investigaciones [...], procede [...] a través de un proceso dialéctico de síntesis cuya base constante

de referencia ha sido la realidad misma del lenguaje” (p.379); b) “«Mi SAUSSURE» “es el Saussure de las grandes distinciones del *Curso de Lingüística General* que ha determinado el desarrollo y el progreso de la lingüística del siglo XX”(p. 380); c) “Llegué, incluso, al polo opuesto al Saussure del saussureanismo «ortodoxo», pero, según creo, también esto en contacto permanente con Saussure, no sin Saussure y no contra Saussure” (p.382).

O Professor ELIA oferece uma visão panorâmica da obra saussuriana e encontra três ramificações de um tronco central, no pensamento do mestre suíço:

a) O *Cours de Linguistique Générale*, a Escola de Genebra, Godel e as fontes manuscritas e a edição do CLG;

b) O desdobramento das ideias contidas no CLG em novas disciplinas lingüísticas voltadas para a *langue* e não para a *parole*: o Estruturalismo(mentalista, descritivista, funcional), a Fonologia (TRUBETZKOY), a Glossemática (HJEMSLEV);

c) O alargamento das ideias saussurianas, agora no sentido da *parole* e não da *langue*: a análise do discurso, os atos da fala, o desvio das pesquisas do enunciado para a enunciação;

d) A incorporação ao estudo da *langue*, vista formalmente como estrutura, da sua substância histórica (e não puramente diacrônica), ou seja, a língua como instituição: Sociolingüística, Etnolingüística, Pragmática (ELIA, 1996, p. 402-403).

Conclusão

Sobre a Galiza

“Sempre considerei a Galiza, esta terra maravilhosa, desgraçada e incompreendida, como sendo a minha própria terra; e historicamente e geograficamente assim é, pois estou dentro dos limites da velha Galécia, que chegava pelo sul ao rio Mondego” (LAPA, 1979, p.1). “A Galiza é para nós, portugueses, a velha irmã esquecida, que se conhece por ser parecida connosco, mas a quem se não dá, afora uma ou outra alusão de poetas, a importância que merece” (LAPA,

1979, p. 27). “Tudo quanto se passa no Brasil ou para além do Minho, em matéria de língua e de cultura, não nos deve ser estranho; são produtos da mesma raiz e atestam a fecundidade do nosso génio criador” (LAPA, 1979, p. 53).

“E dessa alma galega que derramou sobre a Península Ibérica os mais amorosos versos e aliciantes versos da lírica medieval [...] somos os privilegiados continuadores nas terras novas e renovadoras do continente americano. Faz jus, portanto, esse fecundo idioma galego-português ao título de matriz do mundo lingüístico lusobrasileiro” (ELIA, 1986, p. 194),

As primeiras operações a fazer no idioma

“Discipliná-lo e urbanizá-lo. Só assim é possível formar uma língua literária” (LAPA, 1979, p. 43). “A sua descastelhanização limpando-o de formas que desnaturam a sua verdadeira fisonomia” (LAPA, 1979, p. 62). “Há que restaurar o galego e obrigá-lo a ser o que já foi [...]. Totalmente identificado nos séculos XII e XIII com o português, separou-se deste por razões conhecidas, mas nem por isso deixou de ser radicalmente a mesma língua” (LAPA, 1979, p.62-63).

“O galego incorporaria-se ao sistema de que foi protótipo e que hoje tem como arquétipo a norma lisboeta, sem deixar de ser galego, conservando a sua fonética, a sua morfologia e o seu léxico peculiares no que têm de genuínos” (CARVALHO, 1990, p. 900).

Unidade e diversidade do português

“A faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galego-português apresenta-nos um conjunto de DIALETOS que, de acordo com certas características diferentes de tipo fonético, podem ser classificados em três grandes grupos: a) DIALETOS GALEGOS; B) DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS; C) DIALETOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS (CUNHA; LINDLEY CINTRA, 1985, p. 10).

“A editoração dos textos galego-portugueses da Idade Média apresenta uma multiplicidade tal de problemas [...] nos ateremos aos inerentes às cantigas trovadorescas, impressas numa modalidade lingüística que, pacificamente, podemos chamar galego-portuguesa. [...] pela quase completa neutralização dos trazos divergentes, cabe de direito a qualificação com os termos galega e

portuguesa integrados. Pelo menos nesse ponto há um acordo geral (CUNHA, 1986, p. 619).

Os postulados de COSERIU:

- a. “Claro que esto no significa que el gallego sea ‘portugués’; significa más bien lo contrario: es el portugués el que es ‘gallego’. Históricamente, el portugués es el gallego de la Reconquista y es hasta hoy, en todas sus formas, la continuación de ese gallego. [...] Se trata, por tanto, del caso, [...] de una lengua que, precisamente en la forma que se difunde y se constituye en lengua común y gran lengua de cultura, se llama con otro nombre: ya no gallego, sino portugués” (COSERIU, 1990, p. 800).
- b. “Um estudo deste tipo, uma semântica estrutural do galego e do português chegaria à conclusão de que o sistema básico é o mesmo no galego e no português e de que as distinções, as oposições básicas, os traços diferenciadores são os mesmos, mas que há [...] diferença de norma, como há também diferença de norma entre o português de Portugal e o português do Brasil e também no português das várias regiões de Portugal e no português das várias regiões do Brasil” (COSERIU, 1993, p. 100).

A nossa pátria é a língua portuguesa

“Um apelo aos que estão trabalhando na ingente e histórica empresa da gramaticalização e disciplinação do galego comum, para que prossigam e tomem nota como norte [...] o aconselhamento das formas coincidentes com o luso-brasileiro, para abreviar o desejado termo da perfeita reintegração. É um convite a que, de alma leve, nos irmanemos galegos, portugueses e brasileiros e proclamemos «A nossa pátria é a língua portuguesa»” (CHAVES DE MELO, 1990, p. 66-67).

O conflito e os dois bandos

“Esse é o bando da “Xunta de Galicia” [sic], que, de colaboração com algumas entidades “isolacionistas” esclerosadas, engenhou e “oficializou”, de maneira maleficamente subreptícia, umas aberrantes Normas cujo evidente

propósito é condenar o galego ao languidescimento como dialecto –do espanhol [...] Do outro lado, [...] levanta-se em onda cada vez mais alta a mocidade universitária e trabalhadora que quer uma Galiza galega. À cabeça dessa juventude militam os “reintegracionistas”, em cujo triunfo final tenho uma fé inabalável [...]” (GUERRA DA CAL, 1985, p. 10-11).

“E a força desagregadora, responsável pela expansão do castrapo, decorre do conjunto de inevitáveis influências da língua castelhana, ao longo da história, sobre a língua de MARTIN CODAX e PERO MEOGO [...] parece não haver dúvida de que o reintegracionismo será sempre a luta por um ideal, em face de uma realidade cada vez mais adversa (AZEVEDO FILHO, 1993, p. 82).

Situação atual

Os “militantes reintegracionistas”, apesar da censura, limitações económicas e do silêncio nos meios de comunicação, avançam. No ano 2020, podemos distinguir três coletivos de certa importância:

1. A *Associação Galega da Língua* (AGAL), legalizada no ano 1981, assumiu o ‘Acordo Ortográfico’, aprovado no ano 1990. Na sua condição de herdeiros do legado do Professor CARVALHO preconiza que o galego deve incorporar-se “ao sistema de que foi protótipo e que hoje tem como arquétipo a norma lisboeta, sem deixar de ser galego, conservando a sua fonética, a sua morfologia e o seu léxico peculiares [...]” (CARVALHO, 1990, p. 900).

Não obstante, na morfologia nominal recomenda formas em *-ám, -ao, -om* (*anciao, camiom, capitám, irmao, leom*, etc.), porque na Galiza não é necessário marcar a nasalização de uma vogal ou ditongo. Aconselha o uso das formas do artigo indefinido *umha, umhas* (e *algumha, nengumha...*); da preposição *per* e do pronome demonstrativo *o*, sugere as formas *polo, pola, polos, polas*; prescreve o numeral cardinal *dous* e o advérbio de negação *nom*.

No tocante ao verbo, as divergências respeito do padrão luso-brasileiro são maiores (o mesmo que acontece, por exemplo, com o castelhano ou espanhol europeu e o castelhano hispano-americano). Apresentamos, a modo de ilustração, apenas quatro exemplos:

- a. No verbo **dar** para a 3ª p. do pl. do Pres. de subjuntivo; sugerem *dem*, em vez de *dêem*.
- b. No verbo **estar**, para as formas de 1ª e 3ª p. do Pret. perfeito simples, recomendam *estivem*, *estivo* em vez de *estive*, *esteve* [arcaicas na Galiza].
- c. No verbo **fazer** prescrevem as formas *fago* (1ª p. do Pres. de indicativo) e *faga*, para o Pres. de subjuntivo, em vez de *faço* e *faça*...
- d. No verbo **ter** aconselham as formas *tém* ou *tenhem* (3ª p. pl. do Pres. de indicativo) e *tivo*, *tivérom* (1ª p. e 3ª p. sing. do Pretérito perfeito simples), em vez de *tive*, *teve* e *tiveram* (esta última na Galiza é a 3ª p. pl. do Pretérito-mais-que-perfeito de indicativo).

No tocante ao léxico, a liberdade, obviamente, é maior. Uma vez “impostas umas aberrantes normas” (GUERRA DA CAL, 1985), apesar das advertências do Professor LAPA (1979), obrigam na atualidade a usar *preto*, em vez de *perto*; *ventá* em vez de *janela*... O modelo de léxico galego oficialista e isolacionista [...] caracteriza-se por marcados défices de funcionalidade, idiomatidade, coerência, economia comunicativa e vantagem sociolingüística, o que incapacita tal modelo lexical para constituir o galego em verdadeira língua de cultura, ou seja, em veículo expressivo, eficaz e autónomo do castelhano, de uma sociedade culta e moderna (GARRIDO, 2011).

2. 2) A *Academia Galega da Língua Portuguesa* (AGLP), constitui-se oficialmente em Santiago de Compostela no ano 2008. Entre os académicos correspondentes procede mencionar os Professores Evanildo BECHARA; João MALACA CASTELEIRO (1936-2020) —recentemente falecido, que deve ser honrado por toda a comunidade galego-luso-africano-brasileira pela sua magna obra— e Carlos REIS.
3. Uma vez que, no fim de 2015, a diretiva da AGAL resolveu abandonar o padrão galego reintegracionista, que sempre foi constitutivo dessa associação, o labor e as atribuições da sua Comissom Lingüística, maioritariamente partidária de conservar tal padrão galego, foram continuadas pela Comissom Lingüística da *Associação de Estudos Galegos*, novo organismo instituído nos inícios de 2016 e integrado, em larga medida, pelos antigos membros da Comissão Lingüística da AGAL.

Referências

- AZEVEDO FILHO, L.: O galego entre o português e o castelhano. In: *Actas do III Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 79-82, 1993,
- BECHARA, E. In memoriam do Doutor Manuel de Paiva Boléo. In: *Agália*, n. 34, p. 252, 1993.
- BECHARA, E.. Primeiros ecos de F. de Saussure na gramaticografia da língua portuguesa. In: *Actas do IV Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 365-370, 1996,
- CARVALHO CALERO, Ricardo. *Problemas da Língua Galega*. Lisboa: Sá da Costa, 1981.
- CARVALHO, R.: Bilingüismo e reintegracionismo nas cartas cruzadas entre Castela e Sánchez-Albornoz. In: *Actas do II Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 887-900, 1990.
- CASTELAO, Alfonso: *Sempre en Galiza*. 2. ed. Madrid: Akal, 1977.
- CHAVES DE MELO, G: A terceira vertente. In: *Actas do II Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 59-67, 1990.
- COROMINAS, J. Sobre a unificación ortográfica galego-portuguesa. In: *Grial*, n. 53, p. 277-282, 1976,
- COROMINAS, Juan; PASCUAL, José Antonio. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1980-1991.
- COSERIU, E. El gallego en la historia y en la actualidad. In: *Actas do II Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 793-800, 1990,
- COSERIU, E. Novos rumos da semântica. In: *Actas do III Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*. Corunha. Associação Galega da Língua, p. 97-100, 1993.
- COSERIU, E. Mi Saussure. In: *Actas do IV Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 379-382, 1996.
- CUNHA, C. Problemas da editoração de textos galego-portugueses da Idade Média. In: *Actas do I Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 617-644, 1986.

- CUNHA, Celso. LINDLEY CINTRA, Luís Filipe: **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ELIA, S. O galego-português matriz do mundo lingüístico lusobrasileiro. In: **Actas do I Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza**. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 185-196, 1986.
- ELIA, S. Estará o saussurianismo ultrapassado? In: **Actas do IV Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza**. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 383-404, 1996.
- GARRIDO, Carlos. **Léxico galego: degradação e regeneração**. Barcelona: Edições da Galiza, 2011.
- GUERRADA CAL, Ernesto. Antelóquio indispensável. In: **Futuro Imemorial (Manual de velhice para principianes)**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, p. 5-13, 1985.
- LINDLEY CINTRA, Luís Filipe. **Estudos de dialectologia portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- HENRÍQUEZ, Maria do Carmo. O reintegracionismo cultural e lingüístico galego-português. In: **Colectânea de Estudos em Homenagem a Rodrigues Lapa**. Edição da Câmara Municipal de Anadia, p. 20-35, 1984.
- _____. As gramáticas do galego do século XIX. In: **Actas do I Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza**. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 443-467, 1986.
- _____. A língua e a gramática nas Irmandades da Fala: ‘A Nosa Terra’ (1916-1920). In: **Actas do III Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza**. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 173-211, 1993.
- _____. As ideias lingüísticas no Boletim A Nosa Terra (1921-1945). In: FERNÁNDEZ, M.; GARCÍA, F; VÁZQUEZ, N. (Eds.). **Actas del I Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística**. Madrid: Arco/ Libros, Centro Ramón Piñeiro, p. 373-386, 1999.
- _____. LAUDATIO IN HONOREM EUGÊNIO COSERIU, Eugenio Coseriu *in memoriam*. In: MARTÍNEZ, J. G. **Granada Lingüística**. Serie Colectae. Universidad de Granada: Colección Colectae, p. 11-20, 2005.
- LAPA, Manuel Rodrigues. **Estudos galego-portugueses; por uma Galiza renovada**. Lisboa: Sá da Costa, 1979.
- _____. Álvaro das Casas e a reintegração lingüística galego-portuguesa. In: **Actas do I Congresso internacional da língua galego-portuguesa na**

- Galiza.** Corunha: Associação Galega da Língua, p. 265-269, 1986.
- MARTÍNEZ DEL CASTILLO, J.G. Eugenio Coseriu in memoriam. **Granada Lvingvistica.** Granada: Colección Colectae, p. 11-20, 2005.
- MONTERO, J. M. Carvalho Calero e a língua portuguesa da Galiza. In: Ricardo Carvalho Calero. **A razón da esperanza.** Vigo: Promocións Culturais Galegas, p. 33-40, 1991.

Articulista convidada.